

**A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE EM QUIRINÓPOLIS, GOIÁS:
A ESCOLA NORMAL REGIONAL MUNICIPAL CORONEL QUIRINO (1954-1961)**

*The history of teacher formation in Quirinópolis, Goiás:
the Coronel Quirino Regional Municipal Normal School (1954-1961)*

Maria da Felicidade Alves Urzedo*

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de pesquisa no campo da História de Educação. Foi desenvolvida em Quirinópolis, Goiás, por meio do exame da Escola Normal Regional Municipal Coronel Quirino, no período de 1954 a 1961. Focaliza a instituição escolar como espaço de formação de professores primários. A análise desdobra-se para compreender seu processo de criação e expansão, observando, sobretudo, a infra-estrutura, os discentes, os docentes, as práticas e os saberes construídos. A abrangência do período estudado deve-se ao fato de que 1954 é o ano de criação da Escola Normal e de que, em 1961, forma-se a última turma de alunos. Os resultados alcançados pela pesquisa conferem à instituição um papel importante no desenvolvimento econômico, político, social e cultural da cidade, consolidando o ensino primário e o ginasial no município, abrindo possibilidades de ampliação da escolaridade dos jovens que almejavam uma formação universitária.

Palavras-chaves: História, Educação, Escola Normal.

ABSTRACT

This article presents the results of the research about History and Historiography of School Education. It shows a Historic look on the institutionalization of the Regional Normal School Coronel Quirino, in Quirinópolis, Goiás, from 1954 until 1961. It has in focus the school institution as a space for graduation of elementary school teachers. The analysis is an effort to understand its process of creation and expansion, watching the structure, the teachers, the students, the practices and the knowledge involved. The interval studied goes from 1954, date of its creation, until 1961 when the last class had graduation. The results obtained by this research have shown school as a space generator of conditions for economic, social, politic and culture development of the city, improving the elementary and the high school, and creating changes for the youngsters who aimed the university graduation.

Keywords: History, Education, Normal School.

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Quirinópolis e Coordenadora Pedagógica da Faculdade de Quirinópolis – FAQUI. Contato: fabiene@cultura.com.br

Praticamente desconhecida por grande parte da população da cidade de Quirinópolis e dos professores de hoje, a Escola Normal Regional Coronel Quirino, em seu curto período de vida, 1954 a 1961, foi prestigiada por um grande número de pessoas agora lembradas por esta pesquisa como gênese no projeto de composição da infra-estrutura necessária para atender a expansão urbano-industrial que se insurgia na cidade com a modernidade.

Estava reservada a ela, pelas autoridades locais, a missão de ordenar e disciplinar a população, alcançando o progresso e a civilidade, elementos imprescindíveis na consolidação da modernidade. Quando cabia à educação a responsabilidade da formação do indivíduo, tornando-o apto, no sentido de promover o progresso da sociedade, tanto material quanto moral. O resultado foi a construção de um novo perfil do professor, superando o voluntarismo do tio-padre-freira pela ação dos normalistas, profissionais, materializando nestes, parte do ideal de modernidade.

Desejava-se elencar saberes, competências e disciplinamentos com fins de formar uma geração de jovens para assumir funções públicas e privadas no seio da sociedade quirinopolitana para acelerar o seu desenvolvimento. Era o desejo de interação da História com a educação, em favor de um maior envolvimento com a temática e o período em estudo.

Da relação entre a cidade de Quirinópolis e a Escola Normal, procurou-se compreender a articulação entre a cultura escolar e a cultura urbana que estavam se formando naquele momento; a dimensão do lugar ocupado por essa instituição no processo de formação de seu público — a mocidade e a afirmação da cidade.

Mediante intensa pesquisa foi possível inferir que a Escola Normal Coronel Quirino era vista como local de formação de professores que se caracterizava pela moralidade e racionalidade, na qual os jovens deveriam ser formados para o exercício da cidadania. Logo, foi possível pensar que esta escola tinha grande relevância na constituição da cidade, era influenciada por ela, pois formava um *corpus* civilizado para atuação no espaço urbano, inserida não só na propaganda histórica da educação local, mas, também com ênfase na regional. Sua documentação específica pode auxiliar no processo de compreensão da realidade nacional.

Nessa direção, as instituições escolares foram tomadas na sua pluridimensionalidade, integradas a uma realidade mais ampla, assim relatada por Magalhães:

A construção da escola como objeto historiográfico, em muito assegurada por uma etnohistoriografia da educação a partir da escola, tem revelado que a escola, como a educação são construções históricas, devendo-se, assim, falar de escolarização, por um lado, e de escola, cultura escolar, ou melhor, gramática escolar, por outro, um jogo dialético e discursivo que sumariamente confronta procura e oferta, mas que essencialmente se constrói e revela uma permanente tensão entre as capacidades inventivas das comunidades, por um lado e as normas, os constrangimentos, as resistências por outro. A estrutura escolar é, em essência, a relação que se estabelece entre os quadros institucionais, grupais e individuais, articulando ação (prática), representação, apropriação. (MAGALHÃES, 1998, p.55).

Para Gatti Júnior e Pessanha (2004), a História das Instituições Educacionais tem

ocupado cada vez mais espaço no cenário da pesquisa histórico-educacional, envolvendo uma série de pesquisadores espalhados por todo o Ocidente. Para eles no Brasil, tal fato é assim colocado:

No Brasil, ainda que mediante dificuldades, devido à inexistência de repertórios de fontes organizadas, alguns historiadores e educadores têm-se lançado à tarefa de historiar a educação escolar brasileira, por meio da construção de interpretações acerca das principais instituições educativas espalhadas pelas diversas regiões brasileiras, com destaque para a abordagem a partir da categoria trabalho presentes nos textos de Ester Buffa e Paolo Nosella. (GATTI JÚNIOR; PESSANHA, 2004, p.9).

Nesta visão, o grande desafio da educação moderna consistiu em incorporar à escola o mundo do trabalho. Isso significou substituir o humanismo tradicional, por humanismo tecnológico que enfocasse a problemática do trabalho, preservando a cultura clássica. Esse fato só se tornou um princípio pedagógico na modernidade como consequência da Revolução Industrial. Para Nosella e Buffa (1996, p.16-7) a cultura humanística clássica tinha como função principal a distinção social do grupo que a possuía, consagrando seu afastamento do trabalho mecânico e manual.

Diante de tal fato, Inácio Filho (2002, p.49) coloca; “[...]daí a necessidade de se lutar por uma escola que, sem privilegiar ninguém, fosse competente no preparo da mão-de-obra que passava a ser fundamental para a industrialização nascente”.

Quanto à metodologia, a linha de tempo da pesquisa relatou-se, primeiramente, o crescimento da demanda social da educação, referências históricas do processo formativo da docência bem como se deram as diferentes formas de institucionalização e trajetória da Escola Normal no Brasil. Ficou demarcada de maneira genérica como as Escolas Normais surgiram no Brasil, vinculadas à expansão dos princípios liberais que defendiam a extensão, a obrigatoriedade e a liberdade de ensino para todas as camadas da população na primeira metade do século XIX, mas que só se desenvolveram com a difusão dos pensamentos positivista e liberal que procuraram dar à educação um papel preponderante.

Borges (2004, p.13) coloca quanto ao ideário liberal de obrigatoriedade do ensino primário que este “revestia-se de representações que grossaram o ideário da época, no tocante à urgência em se disciplinar e higienizar o espaço urbano, onde se insere a escola”. A educação deveria ser não só intelectual como também física e moral. Foram feitas considerações sobre o surgimento, o desenvolvimento e a função da Escola Normal em Goiás, destacando a expansão do ensino e da Escola Normal na interiorização da sociedade goiana. Abordaram-se, também, as adaptações do Ensino Normal à Lei Orgânica de 1946, seus altos e baixos até a Lei nº 5.692/71, quando foi transformada em apenas Habilitação de Magistério.

Material e Método

A dinâmica inicial desta pesquisa ocorreu numa interação da pesquisadora com os

seus sujeitos de pesquisa: os egressos da Escola Normal e seus professores. Estabelecida relação de confiança, foi possível conhecer as suas trajetórias enquanto alunos, professores e as percepções construídas em torno da escola. Outro elemento que foi indispensável para a realização desta foi à utilização da História Oral que, por meio de entrevistas semi-estruturadas chegou a valiosas informações de um período ainda pouco conhecido, principalmente no tocante ao aspecto educacional.

As entrevistas tiveram como objetivos buscar evidências: identidade, datas, nomes e informações sobre a Escola Normal Regional Coronel Quirino, revitalizando a história da mesma. Foram realizadas também visitas a Instituições de Ensino e a Órgãos Públicos de Quirinópolis, Rio Verde e de Goiânia, em busca de dados, documentos e informações desta instituição.

As histórias de vida e os depoimentos foram gravados e transcritos conservando com fidelidade o próprio falar do entrevistado e a forma como relatou os fatos. As lembranças sobre a escola, dos discentes, dos docentes, dos conteúdos ensinados e também dos colegas de sala de aula e de profissão não foram vistas somente como reviver o passado, mas também, como uma reconstrução deste por meio das idéias e das imagens do presente. Bosi (1954) contribui neste sentido:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho é trabalho. [...]. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1954, p.55).

Esta metodologia de conhecimento dos valores, dos costumes, das opiniões, das relações sociais e familiares vivenciadas pelos ex-normalistas e professores, além de suas experiências, é ressaltada por QUEIROZ (1993, p.10), “com as histórias de vida, busca-se atingir a coletividade de que seu informante faz parte e o encara, pois, como mero representante da mesma através do qual se revelam traços desta”.

Além das informações obtidas por meio da História Oral, outras fontes foram utilizadas, como revistas, fotos, atas da Escola, Decretos, Leis Municipais, Estaduais e outros documentos oficiais, além da bibliografia pertinente sobre a educação brasileira. Esta buscou também conhecer estudos de escolas normais não só de Goiás como de outros Estados, com literatura publicada sobre a formação de professores e suas trajetórias profissionais, além de uma analogia de como ambas surgiram e se desenvolveram no cenário educacional brasileiro. Entre as pesquisadas destacam-se:

Na Escola Normal da Praça, Monarcha (1999) mostra a Escola Normal de São Paulo ocupando centralidade no imaginário das classes sociais paulistas de 1840 até a sua transformação em Instituto de Educação na década de 1930.

Vilela (2000), em sua dissertação de Mestrado resgata a gênese da primeira Escola Normal do Brasil e da Escola Normal de Niterói em 1835. Contextualiza a necessidade desta no mundo moderno e demonstra que a mesma foi fruto de uma política tradicional conservadora e patriarcal; ainda relata suas práticas e contradições por meio do currículo,

instrumento de discriminação e marginalização dos submissos — as mulheres e os negros. Complementando, mostra que as primeiras experiências com escolas normais no Brasil ocorreram em período instável e tenso.

Gouveia e Rosa (2000), usando como fonte documental a Escola Normal de Ouro Preto, primeira a ser instituída na província mineira, enfoca o papel das Escolas Normais na formação docente ao longo do século XIX e primeira metade do século XX.

No Estado de Goiás, Mendonça (2000) estabelece registros da Escola Normal de Rio Verde, 1933 a 1974; numa linha de tempo contou a gênese e a evolução da formação docente na Europa, Brasil, Goiás.

Sobre o ensino confessional católico Moura (2000) em sua dissertação sobre o Colégio Nossa Senhora das Dores, Uberaba, Minas Gerais, 1940-1966, fez uma visita à história de Uberaba e a partir das interpretações realizadas mostrou que as famílias transferiam à Escola Normal a função de educar e formar suas filhas que deveriam ser cultas, prendadas e preparadas para as doçuras do lar e da maternidade.

Em Sergipe, Freitas (2003) em seu livro *Vestidas de azul e branco*, (entre 1920 e 1950) constrói seu estudo a partir das trajetórias de ex-normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa; abordou o início da trajetória profissional de cada uma, as estratégias coletivas de ascensão na carreira docente, bem como um estudo sobre o currículo de formação profissional da instituição.

Toffoli (2003) tem como objeto de estudo de sua dissertação a história da educação feminina do Colégio Madre Clélia de Adamantina, São Paulo, 1951 a 1978; refere-se ao universo feminino permeado de práticas e processos que moldavam a formação de uma mulher preparada para o desempenho da maternidade e do magistério, anseios da sociedade da época.

Na pesquisa há participação de outras dissertações que constituíram fontes imprescindíveis para complementar as informações sobre a temática. Por esses aspectos, julga-se a relevância social deste estudo para a sociedade quirinopolina por reconstruir a trajetória da história local, visto que, por meio dessas análises foi possível recuperar parte da memória da cidade, inserida num contexto mais amplo, permitindo mostrar os sujeitos dessa localidade como participantes da construção dessa história e incentiva novos estudos que valorizam as temáticas voltadas para as particularidades de Quirinópolis.

Em termos científicos, esta pesquisa apoiou-se numa linha que busca valorizar as práticas culturais, os avanços e recuos de uma sociedade, os diversos agentes sociais e, ainda, pretende contribuir para a inovação dos estudos no campo da historiografia educacional do município de Quirinópolis. Esta inovação está preocupada com os novos olhares, com a valorização das particularidades regionais e locais e com o recuperar da memória, considerando as diversas fontes, em especial, a História Oral.

Resultados e discussões

O objeto desta pesquisa tratou especificamente da Escola Normal Regional Coronel Quirino de Quirinópolis – Goiás, como instituição formadora dos docentes para o

ensino primário. Abordou sua fundação, sua proposta pedagógica, o cotidiano escolar, seus objetivos, seu currículo, seus saberes, o seu trabalho como princípio educativo, o seu espaço físico e organização, suas normas, o perfil dos seus estudantes e professores, bem como sua importância social, político — cultural e econômica para a cidade de Quirinópolis e Região.

No Brasil as escolas normais foram criadas a partir de 1830, nas províncias de Niterói (1835), Bahia (1836), São Paulo (1846), Pará (1839), Sergipe (1870) e Goiás (1882), só aceitavam inicialmente alunos do sexo masculino. Aos poucos foram sendo criadas escolas normais femininas e, posteriormente, passaram a ser mistas.

Para Gonçalves Neto (2002) a Proclamação da República em 1889, colocou os governantes na condição de:

Inauguradores de uma ordem política superior, em oposição ao Império, mas também na situação daqueles que se propõem a reorganizar a própria nação brasileira, instituindo novos valores, símbolos cívicos, heróis, etc. Era necessário não apenas implementar uma realidade diferente, mas também, tentar “enterrar” a condição antecedente, os 67 anos de império. O passado aparece envolto numa aura de atraso, de descaso — marcas do império — que será superada pela nova ordem, através da valorização do conhecimento moderno, da ciência, da nação, reforçada pela educação. (GONÇALVES NETO, 2002, p.134).

As diferentes motivações que levaram as jovens a ingressarem no curso normal revelam, ao mesmo tempo, a busca pela independência social e econômica; para as mulheres era a única possibilidade de profissionalização socialmente aceita no período estudado, este fato reafirma, assim, a ambigüidade apontada por Chauí (1986, p.124), mostrando que “são capazes de conformismo ao resistir e resistência ao se conformar”. Foi possível perceber que o processo do ingresso na Escola Normal lhes atribui status. O conhecimento, o rigor na seleção, os distingue do conjunto das jovens que pretendem continuar sua escolarização.

A motivação frente ao curso normal é diversificada, enquanto normalistas se encaminham para o magistério primário como estratégias de sobrevivência ou ascensão social, outros se utilizam o curso para o acesso a outras carreiras.

Na mesma tônica Araújo (2002) discorre sobre ética e profissão docente:

Profissionalmente, o docente está voltado para a educação do homem. Comumente se reivindica que as dimensões — física, moral, intelectual, social, política, entre outras — compõem o horizonte educativo de quem se preocupa com a educação. Aliás, essa dimensão está muito presente nas teorias educativas desde Platão (427-347 a.C.). Nesse processo, a educação escolar envolve a interação de dois grupos de atores sociais: mestres e alunos. (ARAÚJO, 2002, p.47).

A História da Escola Normal Pública no Estado de Goiás teve início na cidade de Goiás, capital do Estado, em 1858, com a sua criação, pela resolução nº 15, de 28 de julho de 1858, onde se lia:

Foi criada a Escola Normal na capital para habilitação dos “aspirantes ao ensino dos diversos graus de instrução primária”. O artigo 2º da referida Resolução ressaltava que “nenhum indivíduo, d’ora em diante, será provido vitaliciamente no professorado, sem que apresente documento comprobatório d’haver sido, examinado e aprovado nas matérias lecionadas na Escola Normal. (CANEZIN; LOUREIRO, 1994, p.17).

A Escola Normal de 1858 em Goiás não se organizou devido, principalmente, a dois fatores: inexistência de corpo docente habilitado e de prédio adequado para sua instalação. Quase três décadas se passaram para que viesse a ser recriada novamente a Escola Normal, agora, como apêndice do Liceu, em 1882.

A trajetória da Escola Normal de Goiás foi semelhante às demais províncias — extinta, reaberta, criada como apêndice do Liceu e, finalmente, autônoma em 1929. Em 1938 foi transferida da cidade de Goiás para a nova capital do Estado, Goiânia. Posteriormente, quando o Estado adaptou seu Ensino Normal aos termos da Lei Orgânica de 1946, para não perder os benefícios que a União dava aos Estados para a melhoria do ensino, a transformou em Instituto de Educação de Goiás pelo Decreto Lei nº 870, de maio de 1947.

A importância do Magistério era concebida pelos governos articuladamente com a importância do papel da instrução primária como instrumento de redenção dos indivíduos e da sociedade. A ampliação da escolaridade primária era uma alternativa para a superação das condições de isolamento e atraso da sociedade. A partir dessa concepção o professor deveria ser o centro do processo pedagógico, na medida em que, como portador dos conhecimentos acumulados, deveria transmiti-los aos alunos para convertê-los a cidadãos úteis. A preocupação com a Escola Normal prendia-se, pois, a essa importância dada ao papel do professor como responsável pelo sucesso ou fracasso da instrução primária.

Na Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946 tal como prevista nas Leis Orgânicas dos outros cursos médios, a estrutura do Curso Normal compreendia dois ciclos. O primeiro, o curso Normal Regional, com duração de quatro anos, destinava-se a formar o professor Regente do Ensino primário, funcionava nas Escolas Normais Regionais, de nível ginásial. Após o curso ginásial, o segundo ciclo, com três anos de duração, preparava o Professor Primário, em estabelecimentos chamados Escolas Normais. Neste contexto, delineia-se a cultura institucional da Escola Normal Regional Coronel Quirino, objeto de estudo desta pesquisa, na cidade de Quirinópolis – Goiás, a partir de sua criação pela Lei nº 82 de 08 de novembro de 1954, do prefeito João Batista da Rocha até sua transferência para o Estado pela Lei nº 251, de 30 de janeiro de 1962, com todo o seu acervo para o Ginásio Normal Estadual de Quirinópolis. Seu ensino consistia em ministrar o primeiro ciclo do Ensino Normal, ou seja, curso de Regente de Ensino Primário, de nível ginásial.

É perceptível que, no período de 1954 a 1961, a Escola Normal de Quirinópolis desfrutou de um grande prestígio. Era a referência pedagógica máxima, hegemônica na educação da cidade e da região. Lembranças desse prestígio ainda estão presentes no prédio da escola e na memória da população que a essa escola refere-se como sendo “uma verdadeira escola”.

O depoimento do Dr. Athaydes, formado pela escola em 1961, apresenta vários dos aspectos citados:

A Escola Normal Regional Municipal Coronel Quirino não chegou a fazer de Quirinópolis um pólo de educação como acontece com a UEG, Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Quirinópolis, onde temos alunos de vários municípios, e não só do nosso Estado. Mas teve papel relevante naquele tempo. Atendeu bem os anseios da sociedade. Muitos jovens não tinham condições de procurarem outros centros para darem continuidade aos seus estudos. Era de nível ginásial, 8ª série. Incentivou a muitos a ir se instruir para, sobretudo em Goiânia. Tenho a honra de ser o primeiro concluinte da Escola Normal a terminar o 3º grau.

A Escola Normal, além de ser um campo de ensino socialmente aceito pela sociedade, proporcionava a continuação de estudos, a possibilidade de independência econômica e dava um certo prestígio social. Em 1954, Quirinópolis contava com apenas uma escola, o Grupo Escolar Ricardo Campos, primeira instituição escolar urbana construída no início dos anos de 1930 com o nome de Escola Isolada de Quirinópolis, que passou a se chamar grupo escolar com a emancipação política de Quirinópolis da cidade de Rio Verde pela Lei n. 8.305, de 31 de dezembro de 1943, cuja emancipação ocorreu no dia 22 de janeiro de 1944.

Era comum as escolas rurais funcionarem em um galpão próximo à residência do proprietário da fazenda que cedia o local e pagava o professor. Ali estudavam seus filhos e as crianças de toda região. Havia também, professores particulares que ministravam aulas em suas residências. Tem-se como referência o professor Amaro Bandeira Cavalcante que representa como as pessoas comuns, na vida cotidiana, conferem sentido ao seu mundo. Foi alfabetizador, professor das primeiras letras, atuou de forma ampla como educador dos processos de socialização para a vida. Sua figura parece estar esquecida ou no anonimato da memória coletiva, como de tantos outros educadores da zona rural, de importância singular no desenvolvimento do ensino em todo o Brasil. Via de regra, o professor particular tanto da zona urbana ou rural exercia influência na localidade, que se expandia para além dos limites da sala de aula.

Hoje, o município de Quirinópolis com seus 3.792 Km², localizado no sudoeste do Estado de Goiás, a 280 Km de Goiânia, capital do Estado, está colocada entre as cidades mais desenvolvidas do Centro-Oeste, acima de tudo, pela sua agricultura e pecuária. Possui aproximadamente 40 mil habitantes, com 63 anos de emancipação da cidade de Rio Verde.

Conclusões

A ocupação espacial do Estado de Goiás e da cidade de Quirinópolis deve-se a rota de comunicação e de comércio com a Região Sudeste, pois formava uma espécie de eixo econômico. Quanto ao povoamento de Quirinópolis é oriundo das correntes migratórias, principalmente de Minas Gerais, mais especificamente do Triângulo Mineiro, graças à extensão e expansão da atividade primária, em especial a pecuária, que se tornou uma

atividade dinâmica da economia de exportação de gado.

A cidade conta com um espaço educacional satisfatório no meio urbano e rural, de acordo com dados oficiais da Prefeitura Municipal, em 2004, atendeu cerca de 4.339 alunos matriculados nas 26 escolas públicas municipais; 7.276 alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio nas 13 escolas públicas estaduais; 13.692 acadêmicos matriculados nos 19 cursos nas áreas de Licenciatura Regular, Parcelada, Seqüencial e de Especialização da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Quirinópolis, que possui do campus, maior Unidade, depois da sede em Anápolis.

De volta à Escola Normal que compõe o *corpus* desta pesquisa, dedicou sua atividade à educação mista. Sua clientela era formada de filhos de fazendeiros, pequenos negociantes, profissionais liberais e funcionários públicos. A maioria dos alunos era do sexo feminino, sendo os homens mais novos que as moças, refletindo que a sociedade da época ainda relutava em mandar suas filhas para a escola, daí entrarem mais tarde. A Escola oferecia oportunidade para todas se qualificarem, mas tinham que passar pelo gargalo do ensino primário.

As quatro turmas formadas pela escola tiveram pequeno número de concluintes que pode ser analisado por três ângulos, a luta e a persistência dos alunos e professores que continuaram, apesar das dificuldades, mantendo aberta a única fonte de complementação do ensino primário da cidade. Refletia o descaso do Poder Público com a educação, não oferecendo condições para que mais pessoas avançassem em seus estudos.

A Escola Normal Regional Coronel foi fundada por iniciativa do Juiz de Direito da Comarca, Dr. Geraldo Pinto Figueiredo, juntamente com um grupo de pessoas que logo após se tornaram professores da escola. Eram profissionais liberais como advogados, promotores públicos, médicos, normalistas e de outras áreas, que atribuíam à educação papel de ascensão social, de expansão de oportunidades, mola propulsora de desenvolvimento; era realização arrojada para as condições da época. O dinamismo e a influência do Dr. Geraldo na criação e implantação da Escola Normal o fez tornar-se diretor da mesma.

Dr. Geraldo Pinto Figueiredo foi nomeado diretor da escola pelo prefeito Sr. Joaquim Quirino de Andrade, pelo Decreto nº 25/55, de 17 de maio de 1955, prefeito este responsável pela implantação da Escola criada pelo seu antecessor, João Batista da Rocha.

O ex-professor, Sr. Humberto Xavier, assim descreve em seu depoimento sobre o diretor:

Pessoa de visão futurista mobilizou as lideranças do momento, que não olhavam a educação como fator principal para a independência, tanto da cidade quanto do município. Achava que Quirinópolis precisava melhorar para não ser chamada de currutela pelas pessoas de fora. E que a população precisava também se movimentar e que pensasse mais à frente de seu tempo.

Os normalistas permanecem na memória dos mais experientes. Este grande amor e respeito pela Escola Normal instigaram a busca de conhecê-la em seus detalhes, bem como explicitar o seu sentido histórico.

Iary Martins Correa, ex-aluna da Escola Normal em 1955, em seu depoimento, informou as razões que determinaram os seus ingresso na instituição: “fui estudar na Escola Normal por vocação! Desde pequena, eu dizia que ia ser professora [...] eu queria estudar e ser professora [...].

O curso Normal funcionava nos moldes da adaptação à Lei Orgânica de 1946, regulamentada pelo Decreto Lei nº 774, de 31 de dezembro de 1948. O término das atividades escolares da Escola Normal, deu-se pelo fato do Estado, com o propósito de reformar o curso normal ter aprovado a Lei nº 2.580, de 17 de setembro de 1959, e publicado o Decreto nº 02, de janeiro de 1960, instituindo outros três tipos de estabelecimentos de ensino normal:

- *Ginásio Normal ou Escola Normal Elementar, de nível ginásial, com quatro séries anuais;*
- *Colégio Normal ou Escola Secundária, com curso ministrado no Instituto de Educação e nas Escolas Normais Secundárias, com três séries anuais após o curso ginásial;*
- *Instituto de Educação e Escola Normal Superior, com cursos de especialização ministrados no Instituto de Educação e nas Escolas Normais Secundárias nas seguintes modalidades: ensino rural, intensivo de administração escolar, educação pré-primária, educação de crianças excepcionais, ensino primário complementar, ensino de desenho e artes plásticas, ensino de música e canto orfeônico, educação física, recreação e jogos* (CANEZIN; LOUREIRO, 1994, p. 109-110).

Por este decreto dá-se por encerrado o ciclo de vida das Escolas Normais Regionais no Estado de Goiás e em Quirinópolis. Em 1948, foi criada a primeira Faculdade de Filosofia de Goiás e o seu curso de Pedagogia, reconhecida em 1949, sendo posteriormente incorporada à Universidade Católica de Goiás.

Os programas das disciplinas da Escola Normais Coronel Quirino eram simples, claros e se compunham segundo as bases e orientações metodológicas que o Ministério da Educação e Saúde e a Secretaria Estadual de Educação expediam. A composição e a execução dos programas atendiam à adoção de processos pedagógicos ativos, a Educação Moral e Cívica não constava de programa específico, mas era resultado do espírito e da execução de todo ensino. Os trabalhos escolares constavam de lições, exercícios e exames orais e escritos. Os recursos didáticos constavam do quadro-negro, mapas, globo, livros e apostilas. O ano escolar dividia-se em dois períodos: de março a junho e de agosto a novembro. As aulas eram de 45 minutos para cada disciplina.

Os professores tinham como objetivo trabalhar a preparação para o Magistério, meta esta que exigia capacidade para o trabalho em cooperação, espírito de autocrítica e de compreensão humana. Dos alunos não se cobrava apenas a aquisição de conhecimentos discursivos, mas a realização das técnicas de trabalho intelectual mais recomendáveis aos futuros docentes. Preocupava-se em formar professores primários, ilustrados e competentes, imbuídos de valores para compor os quadros das lideranças educacionais e administrativas da cidade. Dessa forma, a maioria das disciplinas do currículo voltava-se à cultura geral, às Letras e às Ciências Modernas. A formação pedagógica era assegurada pelas disciplinas: Psicologia, Pedagogia, Didática e Prática de Ensino.

O currículo da escola não acrescentou nada de especial, seguindo o que se prescrevia nas Legislações Nacional e Estadual. Portanto, do ponto de vista didático pedagógico, não houve inovação, apenas a extensão do mesmo saber literário e generalista que se pregava nas outras instâncias. Nesse caso, o avanço foi apenas à chegada da escola à cidade. O seu curso de formação de Regentes de Ensino Primário era ministrado em quatro séries anuais, equivalentes ao ensino ginásial e compreendia as seguintes disciplinas, conforme quadro 1:

Quadro 1. Relação das Disciplinas do Curso Normal Regional em Quirinópolis (1954-1961)

Disciplinas	
1	Português
2	Matemática
3	Didática
4	Pedagogia e Psicologia
5	História Geral
6	História do Brasil
7	História de Goiás
8	Geografia Geral
9	Geografia do Brasil
10	Ciências
11	Desenho e Caligrafia
12	Trabalhos Manuais
13	Canto orfeônico
14	Geografia de Goiás

Fonte: Diploma da formada Elcia Borges da Silva, 1958.

O processo de avaliação, os métodos decorativos e a memorização dos conteúdos não sofrem alterações em todos os depoimentos. A afetividade apresentada pelos ex-normalistas em relação aos professores da escola encontra-se diretamente relacionada com a admiração pela qualificação dos mesmos, identificada por meio da competência, da postura pedagógica e do domínio do conhecimento.

Neste sentido, a ex-aluna Elcia (1955) revela: “Dona Genoveva era uma professora que além de ensinar a matéria, ensinava também postura, higiene, como se comportar em uma festa, como sentar à mesa. Ela nos ensinou muito, nos colocou na sociedade”.

Para o ex-aluno Georgides (1954), o professor Humberto Xavier foi: “Grande matemático e já foi prefeito de Quirinópolis em 1970 e depois foi Deputado Estadual em duas legislaturas. Professor amigo, companheiro, grande batalhador pela Escola Normal e por Quirinópolis”.

O Programa de Educação Física da Escola Normal tinha uma dupla tarefa: aperfeiçoar o físico dos alunos e prepará-los para o magistério nas escolas primárias. A ex-aluna Clarice (1955), em seu depoimento, ao olhar para a foto da turma com uniforme de Educação Física relata: “Professora Dalva Gomes Monteiro, pessoa especial, ficávamos a vontade em suas aulas. Calma, nos agüentou muito, porque a turma era danada e eu era uma delas. As principais atividades esportivas eram o vôlei e a ginástica”.

Ainda no mesmo assunto, Shirley (1956) ex-aluna descreve: “O uniforme de Edu-

cação Física era um short azul, com uma saia pregueada por cima, blusa para dentro da saia com as iniciais da escola, tênis branco e meia branca”.

A ex-aluna do Ginásio Normal, Genercy Maria C. Moraes (1961), relata que havia hábitos e costumes rígidos na escola e que o uniforme tinha padrão definido e o seu uso era obrigatório. Descreve-o assim:

O uniforme da época para as mulheres era saia de brim caqui com pregas e listra branca dos lados, a oito centímetros abaixo do Joelho, no cós cinto preto; camisa branca de manga longa com punhos e abotoaduras; gola colarinho com gravata preta; sapatos pretos e meias pretas. Para os homens, calça comprida de brim caqui com listra branca dos lados, no cós cinto preto; camisa branca de manga longa com punhos e abotoaduras; gola colarinho com gravata preta; sapatos pretos e meias pretas.

A cultura era valorizada, os desfiles, as festividades cívicas eram aguardadas com ansiedade pelos estudantes e pela cidade. As festas e as cerimônias institucionais em geral representaram um momento de liberalidade e de solidariedade em que os mundos dos dirigentes e dos dirigidos se aproximavam e até se interpenetraram. A ex-aluna Onília (1956) assim relata:

Naquela época as escolas trabalhavam bem o civismo. Hasteava a Bandeira e cantava o Hino Nacional todos os dias. Todas as datas eram comemoradas. O sete de setembro com seus desfiles é inesquecível. Nunca vou esquecer também das festas, porque para nós solteiras da época não tínhamos muita opção de lazer, daí suas festas se tornarem eventos e serem tão esperadas por todos.

Os depoimentos sobre a disciplina da época comprovam que esta era muito severa, tanto na escola quanto na família. Assim, chamar a atenção já bastava. A esse respeito, pode-se verificar a sua observância no depoimento da ex-aluna e ex-professora Coracy de Magalhães (1959):

Naquela época os alunos eram mais dedicados e eram mais exigidos pelos pais. Os professores eram também exigentes. Éramos severos e exigiam-se muita disciplina dos alunos, eu inclusive era taxada como coronel, porque toda vida fui muito brava, exigia respeito mesmo.

A organização curricular, a estrutura organizacional e pedagógica conferiu à Escola Normal respeito e admiração por todos os segmentos da sociedade. Seus conhecimentos ampliavam as expectativas de vida e de trabalho de seus alunos. Assim relatada por Maria da Fé Chaves, ex-aluna (1955):

A Escola Normal Regional Coronel Quirino me permitiu dar continuidade aos meus estudos. Cursei o Normal em Quirinópolis e graduei em Pedagogia pela Faculdade de Rio Verde, Goiás. Foi pela Escola Normal que ingressei na carreira do Magistério, fiz parte do corpo docente de várias escolas, tendo sido inclusive diretora de uma delas.

O corpo docente da Escola Normal Regional Coronel Quirino foi organizado pelo diretor Dr. Geraldo e nomeados pelo prefeito municipal o Sr. Joaquim Quirino de Andrade entre as pessoas mais cultas da cidade que haviam estudado fora de Quirinópolis e de migrantes vindos de outros estados. Mais tarde fizeram parte do quadro ex-alunos que se destacaram e que tinham aptidões para o magistério, como pode ser visto no quadro 2 a seguir:

Quadro 2. Corpo Docente e Administrativo da Escola Normal Regional Coronel Quirino (1955-1961)

IDENTIFICAÇÃO	FORMAÇÃO / FUNÇÃO	DISCIPLINAS
Aldeida Gomes Estelita	Normalista / Professora	Português
Adolfo Sindofó Teixeira	Advogado / Juiz / Professor	Português
Carolina Afonso Figueiredo	Normalista / Professora	Matemática Desenho e Caligrafia
Coracy de Magalhães	Regente de Ensino Primário / Professora	Português
Dalva Gomes Monteiro	Ginásial / Professora	Educação Física e Português
Gabi de Paiva Coelho	Aluna Escola Normal / Mensageira	
Genoveva Ribeiro Neves	Normalista / Professora	Canto, Coral, Música, Trabalhos Manuais e Economia Doméstica e Francês
Georgides de Souza Mattos	Regente de Ensino Primário / Func. Público Municipal / Professor	Geografia Geral, do Brasil e de Goiás
Geraldo Pinto Figueiredo	Advogado / Juiz / Professor / Diretor	Geografia Geral
Helto de Moraes Sarmiento	Advogado / Promotor / Professor	Português e Ciências
Humberto Xavier	Científico / Exator da Receita Federal / Professor	Matemática
Jalta Barbosa	Ginásial / Professora	Canto e Coral
Maria Augusta Porto Teixeira	Ginásial / Comercial incompleto / Professora	Ciências Físicas e Naturais e Desenho
Maria de Lourdes Costa	Ginásial / Professora	Música e Trabalhos Manuais
Maria Helena Xavier	Ginásial / Professora	Trabalhos Manuais e Economia Doméstica, Desenho, Caligrafia e História
Onília Vieira de Carvalho	Reg. Ensino Primário / Professora	Desenho e Educação Artística
Sizenando Martins	Médico / Professor	Ciências Naturais
Violeta Borges Lima	Ginásial / Professora	Português
Waldir Fernandes Lima	Advogado / Professor	Português

Fonte: Contratos de nomeação. Arquivo da Prefeitura Municipal de Quirinópolis.

Segundo o Livro de Atas da Congregação da Escola Normal, esta instituição formou quatro turmas. A primeira turma de 1955 compunha-se de: Clarice Parreira, Elcia

Borges da Silva, Maria Conceição Teodósio, Maria da Fé Chaves e Maria Marilda Antunes. Segunda turma (1956): Arcemélia França, Áurea Barbosa, Coracy de Magalhães, Iracema Martins Correa e Onília Vieira de Carvalho. Terceira turma (1957): Edson Correa de Paula, Georgides de Souza Mattos, Maria a Glória Borges e Naldith Justino Rodrigues. Quarta turma (1958): Athaydes de Freitas Silveira, Creuza Alcântara de Souza, Digaully Bueno Marques e Dinorah Josefa de Jesus.

O baixo número de alunos concluintes foi assim explicado pela ex-professora Jalta (1958):

O pequeno número de alunos concluintes se deve ao alto índice de evasão, os alunos abandonavam a escola para trabalhar e também porque ninguém tinha vontade própria, dependiam do interesse dos pais pela educação. Os que prosseguiram e terminaram o curso, tinham interesse, vontade própria, apoio ou condições financeiras.

No corpo discente da Escola Normal Regional Coronel Quirino a maioria dos discentes eram do sexo feminino, os homens eram poucos e mais novos. As famílias destes mandaram que estudassem fora e com relação as filhas, achavam que obtendo o ensino primário era o suficiente. A presença de apenas uma formada negra, Armélia indicava que a sociedade da época criava obstáculos para os negros; a Escola Normal oferecia oportunidade para todos se qualificarem, mas tinham que passar antes pelo funil do ensino primário.

Todos os formandos deram continuidade aos seus estudos em Quirinópolis ou em centros maiores, como Rio Verde, Goiânia e também em outros Estados, destacando o de Minas Gerais mais especificamente nas cidades de Ituiutaba, Uberlândia, Uberaba, Campina Verde e Poços de Caldas.

Os formandos, além de ampliarem seus estudos, conseguiram ingressar em uma carreira e obter uma relativa independência econômica e social. São donas de casa, comerciantes, diretoras, professoras, advogados, fazendeiros, empresários e funcionários públicos. A Escola Normal de Quirinópolis construiu uma trajetória histórica, demonstrou a (des) importância que era dada ao ensino e à educação no período de sua existência.

O cenário no qual esta formação se desenvolveu foi constituído de representações morais, éticas, religiosas e práticas que desenharam a instituição e, de fato, foi responsável pela educação. Entendia-se por educação a formação para a vida em sociedade. A escolarização servia como um trampolim para aqueles ou aquelas que a conseguiam, fazendo dela um instrumento de elevação de seu status econômico e social.

Os documentos consultados e as entrevistas, frutos de um trabalho paciente e demorado, mostraram que a educação em Quirinópolis ocorria mais pela ação de pessoas empreendedoras do que pelas do Poder Público. Era a comunidade pressionando o Prefeito e as demais autoridades do Município e do Estado para o desenvolvimento de um projeto educacional humanístico e profissionalizante que encontrou eco em seus alunos. Estes falaram do prazer de terem sido seus alunos, das oportunidades obtidas no mercado de trabalho e de como se tornaram capazes de construir projetos pessoais e coletivos.

A ex-aluna Iracema Martins Correa (1956), descreve sua escola e seus professores da seguinte forma:

A Escola Normal de Quirinópolis fazia de tudo para melhorar nossa formação. Os professores ensinavam com dedicação, queriam que progredíssemos, eram as pessoas mais bem conceituadas da cidade. Esta cumpriu bem sua missão de formadora de cidadãos, consolidou o ensino ginásial e abriu caminhos para o ensino de 2º e 3º grau na cidade.

A Escola Normal de Quirinópolis foi resultado do esforço da elite da cidade para atender às necessidades suas e de seus filhos. Foi da memória que se colheu valiosos conhecimentos esquecidos da prática educativa, do destino social de cada estudante, do processo educacional e de todos que foram por ela envolvidos. No entanto, observa-se que, em virtude da proporção do objeto de estudo, outras faces estão para serem exploradas e que não se encerrou a discussão da temática nesta pesquisa, visto que, o Magistério carrega sempre novas possibilidades e perspectivas de novos conhecimentos.

Enfim, pôde-se perceber, após o exame da História da Escola Normal Regional Municipal Coronel Quirino, que ela firmou sua imagem de qualidade calçada em um ideário pedagógico e político conservador, no qual, ordem, centralização, disciplina, memorização, civismo e nacionalismo eram fundamentais. A percepção dessa situação não diminui sua importância no cenário local e regional, pois formou cidadãos responsáveis, que se destacaram como líderes e dirigentes do setor público e privado.

Teve ainda a intenção de promover discussão sobre outros pontos que a compõe, de forma a suscitar outras pesquisas que façam avançar a construção da História da Educação de Quirinópolis. É um convite à memorização dos projetos e feitos de pessoas que fizeram a educação acontecer desde os anos 20, do século passado.

Referências

ARAÚJO, José Carlos Souza. *Ética e profissão docente no século XVI*. História da Educação / ASPHE (Associação Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação) FaE / UFPel. n. 12 (setembro 2002) – Pelotas: Editora da UFPel – Semestral, 2002. p. 38-65.

BORGES, Vera Lúcia Abrão. *Subsídios para a História da Profissão e da Formação Docente: Modernização e Republicanização no País e em Minas Gerais (1892 a 1930)*. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 2004. p. 13. Mimeografado.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência*. Aspecto da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 124.

CANEZIN, Maria Tereza; LOUREIRO, Valderês Nunes. *A Escola Normal em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1994. p.17, 109-110.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. *Vestidas de Azul e Branco. Um Estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)*. FAP-SE, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Sergipe: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2003.

GATTI JUNIOR, Décio ; PESSANHA, Eurize Caldas . *História da Educação, Instituições e Cultura Escolares: Conceitos, Categorias e Materiais Históricos*. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2004, p.9. Mimeografado.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. A Documentação Oficial de Uberlândia e a Compreensão da História da Educação em Minas Gerais e na Região do Triângulo Mineiro. *Cadernos de História da Educação*, v.1, n.1, p.133-139, jan./dez. 2002.

GOUVEIA, Maria Cristina Soares de ; ROSA, Walquiria Miranda . A Escola Normal em Minas Gerais. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de ; PEIXOTO, Ana Maria Casassanta (Org.). *Lições de Minas: 70 anos de Secretaria da Educação*. Belo Horizonte: Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais, 2002.

INÁCIO FILHO, Geraldo . Escolas para mulheres no Triângulo Mineiro (1880-1960). In: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Org.). *Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia, : EDUFU, 2002. p.39-62.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento Metodológico sobre a História das Instituições Educativas. In: SOUZA, Cynthia Pereira de ; CATANI, Denice Bárbara (Org.). *Práticas Educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente*. São Paulo: Escrituras, 2000 p. 51-59.

MENDONÇA, Zilda Gonçalves de Carvalho. *A História da Formação Docente: A Singularidade da Escola Normal em Rio Verde, Goiás (1933-1944)*. 2000. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

MONARCHA, Carlos . *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas, SP: Unicamp, 1999.

MOURA, Geovana Ferreira Melo. *Por traz dos Muros Escolares: Luzes e Sombras na Educação Feminina, Colégio N. Sr^a. das Dores – Uberaba 1940/1966*. 2002. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

QUEIROZ, M.I.P. de. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU / USP, 1993. p.10.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester . *Schola Mater*: A antiga Escola Normal de São Carlos. São Carlos : EDUFSCar, 1996. p.16-17.

TOFFOLI, Therezinha Elizabeth . *Educação Feminina em Adamantina-SP*: O Instituto de Educação Madre Clélia – 1951-1978. 2003, Dissertação. Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente, São Paulo, 2003.

VILELA, Heloisa de O.S. O mestre-Escola e a Professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 95-135.

Recebido em Fevereiro de 2007
Aprovado em Abril de 2007